

A grande viragem

por Mário Soares

1. Quando os leitores se derem ao trabalho de ler este artigo, estão a levantar-se e a prepararem-se para votar os cidadãos americanos. Os da costa Leste, claro, porque os da costa Oeste só votarão muito mais tarde, noite dentro na Europa. Enquanto os americanos no estrangeiro já votaram há alguns dias.

O mundo tem seguido com paixão – é o termo – o desenrolar da campanha presidencial, a mais viva e participada da História dos Estados Unidos. E que terá consequências positivas e muito sérias para a América do Norte – e para a União Europeia – e importantes, senão decisivas, para o resto do Mundo.

O que está em causa é simples: ou ganha a dupla McCain e a Senhora Pallin (uma desilusão colectiva, depois da esperança que inicialmente a Candidata chegou a suscitar) e teremos mais do mesmo, em relação aos mandatos desastrosos do Presidente Bush ou vence a dupla Obama-Biden e, então, assistiremos a uma viragem política e geo-estratégica de grandes proporções, com consequências enormes, embora não imediatas.

O mundo não tem dúvidas acerca disso. Se os estrangeiros de todos os Continentes pudessem votar, Obama teria uma vitória esmagadora. Na Europa e na América Central e do Sul, alguns inquéritos, apontam para uma percentagem de cerca de 80%. Nos outros Continentes não seria tanto, mas a vitória também seria significativa. Excepto para aqueles que acreditam – mesmo em tempo de crise aguda, múltipla e complexa – na teoria do “quanto pior, melhor”...

Obama, afro-americano, revelou-se um fenómeno organizativo e mediático imparável. Com excepcional carisma pessoal e um poder de comunicação junto das massas populares, de todas as condições e tipos, absolutamente invulgar. Depois, como já escrevi nesta coluna, um afro-americano sentado na sala oval da Casa Branca, representa, só por isso, “uma revolução cultural enorme”. Como a própria campanha eleitoral dos últimos tempos representou, pelo seu sentido didáctico, participativo e pelo seu dinamismo, um contributo muito relevante para a mudança das mentalidades dos americanos, de todas as classes, contaminando mesmo certos sectores mais fanatizados, empedernidos e ignorantes do Mundo. É, por isso, que a eleição de hoje, que mudará seguramente o Congresso (em especial a Câmara dos Representantes) e, indirectamente, a prazo, o Supremo Tribunal Federal, apaixonou o Mundo e tem um recorde de observadores estrangeiros a observá-la in loco. A vitória de McCain – improbabíllissima e contra a lógica das coisas – seria uma imensa desilusão para a esmagadora maioria dos seres humanos e teria consequências muito negativas para o equilíbrio da nossa Casa Comum, a Terra.

Não se espere, no entanto, que a vitória de Obama mude tudo para melhor, de um momento para o outro, ou que ele tenha uma varinha mágica para resolver a crise tão grave e complexa com que estamos todos confrontados.

O ano de 2009 vai ser muito difícil, para todos, sobretudo para os mais pobres e desfavorecidos, de todos os Continentes. As mudanças vão necessariamente ser lentas e difíceis de aplicar, em muitos casos. Trata-se de mudar o paradigma económico em que temos vivido, neste mundo global, desregulado e violento, desde o início do século e introduzir-lhe regras éticas – nos comportamentos das pessoas, das empresas e dos Estados – no quadro de uma nova ordem política, financeira e económica internacional.

Atenção: Obama não é socialista e é um patriota americano, que acredita na importância dos Direitos Humanos, tão desrespeitados, pacifista, que quer dar um novo impulso à América – e ao seu pioneirismo – para poder voltar a merecer o respeito e a influência (que perdeu) no Mundo. Quer mudar a vida dos americanos, no plano dos cuidados de saúde, da educação e da previdência social. Prometeu que os soldados americanos sairão em dezasseis meses do Iraque e vai perceber, em pouco tempo, que terá de fazer o mesmo no Afeganistão. Quer que a América volte à ONU – privilegie a diplomacia e não os serviços secretos ou a guerra – e que as instituições financeiras internacionais (FMI, BM e OMC) sejam reestruturadas, democratizadas e integradas nas Nações Unidas. Prometeu dialogar com Cuba, sem condições prévias – o que representa uma mudança radical para a América Latina. Que mais poderemos nós, europeus e cidadãos do Mundo, desejar para um primeiro mandato?

A Europa, institucionalmente paralisada e atingida em cheio pela grande crise, tem de mudar, quanto mais depressa possível. Será inevitável. Os Estados membros que o fizerem mais rapidamente serão os que menos perderão...

Tenhamos nós em Portugal – Governo, Oposição, Sociedade Civil – olhos para ver e compreender a realidade do Mundo, que vai mudar com impressionante rapidez. Esperemos, para melhor...

2. A GALP e a Fundação Mário Soares realizaram, em Lisboa, no fim da semana passada, o "II Lisbon Energy Fórum 2008", para debater as questões energéticas – a sua importância e futuro – não só para "limpar" as energias fósseis, que serão ainda decisivas nas próximas décadas, mas também para repensar a questão das energias alternativas, hídricas, eólicas, bio, como o etanol, e marinhas ou das ondas do mar, para diminuir muito as emissões de CO₂, como é essencial que aconteça, na fase post Quioto em que nos encontramos.

Estiveram presentes os mais altos representantes das Companhias produtoras dos quatro Continentes e também das Empresas de distribuição de petróleo e gás, como a Total, a Repsol, a Shell, a British Petroleum, etc.. Aproveitando a experiência do I Fórum julgámos importante mudar o modelo utilizado. Desta vez a reunião foi inaugurada, na ausência do Senhor Primeiro-Ministro, no estrangeiro, pelo Senhor Ministro da Economia, Doutor Manuel Pinho e, não podendo ser encerrada

por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, como gostaríamos, por impossibilidade de agenda, foi o Senhor Presidente da Assembleia da República que proferiu o discurso de conclusão.

Teve ainda outra novidade: a Sessão da manhã, das nove às treze horas – abertura e encerramento – foi aberta ao público interessado, que encheu o grande anfiteatro do Centro Cultural de Belém (pode por questões à mesa) e também aos numerosos jornalistas presentes, portugueses e estrangeiros. Foi, aliás, preenchida por quatro conferências feitas por grandes especialistas de reputação mundial, duas senhoras e dois homens. Uma delas, uma portuguesa, Doutora Maria da Graça Carvalho, ex-ministra da Ciência e Ensino Superior, engenheira e actual conselheira do Presidente da Comissão Europeia, Dr. Durão Barroso, para as questões energéticas, que aliás estava também em sua representação.

A segunda parte do Fórum, da parte da tarde, foi à porta fechada, ao público e aos jornalistas, para que o debate entre os altos representantes das empresas pudesse decorrer com total fluidez e, portanto, fosse mais interessante para todos. Foi a novidade deste Fórum, muito louvada, pelos interessados.

Dada a crise global a que estamos todos sujeitos – e as subidas e descidas especulativas dos preços do petróleo e do gás – foi realmente muito mais produtivo assim.

Lisboa, 4 de Novembro de 2008